

CONSTRUINDO UMA HISTÓRIA DE IDENTIDADES FEMININAS AO LONGO DE GERAÇÕES

Regina Fernandes Bacelar (IC) e Adriana Rodrigues Domingues (Orientador)

Apoio: PIVIC Mackenzie

RESUMO

Diante das diferenças e desigualdades ainda encontradas entre os gêneros, entende-se como necessidade compreender como se constrói a identidade feminina. Sendo um aspecto central da identidade, o gênero passa por um processo de construção constante, no qual as relações familiares que apresentam o mundo às novas gerações têm papel importante. Para melhor entender a dinâmica de transmissão e transformação dos papéis de gênero, foi realizada uma pesquisa qualitativa com três gerações de mulheres de uma mesma família. Através do método da história oral, foi possível compreender as identidades femininas em seu caráter de permanente construção. Entre as gerações, foram percebidos elementos comuns da condição feminina, principalmente quanto à associação da mulher ao ambiente e ao trabalho domésticos. Há também a reivindicação e mesmo transmissão de novos papéis e possibilidades, como o acesso aos estudos e ao trabalho, a liberdade na escolha de parceiros, a recusa da maternidade e a contestação da responsabilidade sobre os afazeres domésticos. Enquanto certos elementos se mantêm, cada geração encontra uma maior possibilidade de escolha e maior reflexão sobre elas. Ao longo da trajetória de vida de cada uma são relatadas transformações na forma de perceber e viver o gênero feminino. Assim, entende-se que tanto os significados individuais quanto coletivos a respeito do gênero vem se modificando, transformando as identidades femininas.

Palavras-chave: Identidade. Gênero. Transmissão geracional.

ABSTRACT

Facing the differences and inequalities still found between genders, it is necessary to understand how it's constructed the female identity. As a fundamental aspect of the identity, gender goes through a constant process of construction, in wich the family relations that presents the world to the new generations are important. To better understand the dynamic of transmission and transformation of gender roles, it was executed a qualitative research with three generations of women of the same family. Through the method of oral story, it was possible to understand the female identities in its constant process of construction. Among the generations, it has been observed common elements of the female condition, especially to the association of women to the domestic ambience and work. There is also a claim and

transmission of new roles and possibilities, like the access to studies and work, the freedom of new partner choices, the refusal of motherhood and the contestations of responsibility over domestic tasks. While certain elements are held, each generation finds a bigger possibility of choice and reflection over it. Throughout the trajectory of each one's lives, it's reported transformations in the way of perceiving and living the female gender. Therefore, it's understood that the individual and collective meanings of gender have been modified, transforming the female identities.

Keywords: Identity; Gender; Generational transmission.

1. Introdução

O gênero feminino encontra, nas mais diversas sociedades e momentos históricos, cerceamentos, violências e obrigações em função de sua condição. Na posição de alteridade, a mulher é definida em função dos homens, que lhe reservam o papel de *outro* (BEAUVOIR, 2016). Se hoje, no ocidente, a mulher é considerada igual ao homem perante a lei, deve-se às lutas feministas (NOGUEIRA, 2001). Esse avanço não traz, por si só, a igualdade entre gêneros. O gênero feminino continua cerceado pelo direito, as instituições e a moral. “A ordem tradicional se ressignifica permanentemente, remodelando os padrões e os valores sexistas, porém não os elimina” (BANDEIRA, 2014, s/d).

Os direitos conquistados não estão dados como garantidos. Rago (2003) alerta que as conquistas feministas “são continuamente ameaçadas por pressões machistas e conservadoras”. Beauvoir (1949) já sinalizava que “basta uma crise política, econômica e religiosa para que os direitos das mulheres sejam questionados”. Existe um

“controle social sobre os corpos, a sexualidade e as mentes femininas, evidenciando, ao mesmo tempo, a inserção diferenciada de homens e mulheres na estrutura familiar e societal, assim como a manutenção das estruturas de poder e dominação disseminadas na ordem patriarcal” (BANDEIRA, 2014, s/d).

A participação da mulher na família e na sociedade constitui uma condição particular. Rago (2003), sobre avanços e desafios do feminismo, avalia que “a guerra entre os sexos não terminou e, aliás, se acentua em novos *fronts*: o profissional e o afetivo”. A inserção no mercado de trabalho, tão necessária à emancipação feminina, também traz uma série de ônus. Elas trabalham fora de casa e são as maiores responsáveis pelos afazeres domésticos, executando diariamente uma dupla jornada de trabalho. O aumento do trabalho pesa principalmente para as mulheres casadas ou com filhos (RAGO, 2003).

A mulher já ocupa os lugares públicos, começa a ocupar espaços na política e postos mais altos no trabalho, a conquistar independência financeira e a ter mais voz na produção de conhecimento e cultura. Seus papéis se ampliam, trazendo novas possibilidades de escolha e novas implicações, mas, pelo menos por hora, as mudanças “não conseguiram alterar, significativamente, o conceito de identidade feminina construído ao longo da história da humanidade” (CAIXETA e BARBATO, 2014, s/d). Traços como independência, agressividade e dominância continuam sendo apropriados e produzidos no sexo masculino, enquanto a sensibilidade, emoções e gentileza são entendidas como femininas e constantemente incentivadas a elas (NOGUEIRA, 2001). Essa divisão define estruturas sociais, relacionais e também subjetivas: forma a identidade.

A pesquisa teve por objetivo analisar o processo de construção da identidade, mais especificamente, no tocante aos papéis de gênero, reconhecendo os fatores de influência e as transformações entre as diferentes gerações. Para dar conta dos aspectos temporais envolvidos nas transformações dos papéis de gênero e da análise das transmissões para a socialização desses papéis, optou-se por uma pesquisa transgeracional. Ao trabalhar com 3 gerações de mulheres da mesma família, busca-se uma representação do desenvolvimento da questão em foco. Para a compreensão do processo de construção da identidade é necessário um olhar atento à subjetividade e às trajetórias de vida. Por isso, decidiu-se por uma pesquisa qualitativa utilizando o método da História Oral.

2. Referencial teórico

O conceito de identidade se baseia no reconhecimento da igualdade e da diferença. Uma pessoa se iguala a seus conterrâneos ou colegas de profissão em virtude das experiências e conhecimentos compartilhados, de como é percebida e tratada por causa de características comuns. Sendo igualada a uns, diferencia-se de outros. Os aprendizados e interações de cada grupo, pela singularidade, criam possibilidades distintas de comportamentos e relações. São várias características que demarcam o papel de um indivíduo na sociedade, como um mosaico, formando a percepção que possui de si próprio. A pergunta “quem sou eu?” é capaz de evocar as representações da identidade. A resposta não corresponde à identidade em si, mas a um ponto de partida para a sua análise. Só se pode entender a identidade analisando seu processo de produção, que está em movimentação constante. (CIAMPA, 1984) É pressuposta, mas deve ser reposta constantemente. Ao interiorizar um papel nessas estruturas, há uma relação direta com os que vieram antes e virão depois na história dessa sociedade. O indivíduo faz parte desse processo sócio-histórico (BERGER e LUCKMANN, 1973).

Desde o início da vida, na socialização primária a criança apreende o mundo conforme apresentado pelos outros significativos – o que é demarcado por uma determinada localização social – como o mundo em si, a única realidade possível. A transmissão, de geração à geração, de conhecimentos e valores, prescrições de modos de fazer e agir consolida o status de verdade, cria instituições. Quanto mais se transmite, mais difícil é questioná-la: se não conseguimos identificar a origem, entende-se como natural, algo que é assim porque sempre foi (BERGER e LUCKMANN, 1973). As interiorizações contam com discursos legitimadores que barram ou amenizam as dúvidas. Apesar da rigidez com que se tenta preservar as identidades, a vida e a identidade vivida é movimento.

“Mudanças pequenas dão a impressão de não-movimento, necessitam de um acúmulo de quantidade para que a percepção capte as transformações

ocorridas. A cada dia, novos acontecimentos e significados são acrescidos à vida cotidiana, tornando o homem e o mundo qualitativamente diferentes” (LAURENTI e BARROS, 2000, s/d.).

As relações familiares tomam importante dimensão nesse processo, pois a família é formadora de identidades pessoais e sociais. Essa instituição tem um lugar central na sociedade e nas questões de gênero, servindo como base e sendo responsável pela manutenção da organização social e de valores já postos. Ainda assim, no interior das famílias a herança simbólica pode ser tanto transmitida como questionada (MAGALHÃES, 2010). Na dinâmica das transmissões e transformações, “em um sentido histórico, a geração torna-se a medida da mudança dos contextos econômico, social e cultural nos quais a família está inserida” (MAGALHÃES, 2010, p.45). O significado do ser mulher, por exemplo, vai se atualizando a cada geração.

“Se a função da fêmea não basta para definir a mulher, se nós recusamos também explicá-la pelo 'eterno feminino' e se, no entanto, admitimos, ainda que provisoriamente, que há mulheres na terra, teremos que formular a pergunta: que é uma mulher?” (BEAUVOIR, 2016, p.11)

Ciampa (1984) define que a identidade, por mais múltipla, mutável e contraditória que seja, consiste em algo que sabemos que somos, de maneira mais ou menos estável. As fêmeas humanas, em sua enorme maioria, em diferentes regiões e culturas ao redor do mundo, se reconhecem como mulheres. Esse reconhecimento de si própria enquanto mulher é o resultado de um processo de construção, de uma socialização que mantém o status do gênero enquanto sistema de poder. Essa noção não considera apenas a imagem que ela tem de si mesma, mas também sua relação com o meio, pois a autorrepresentação é em maior parte produto social e reflexo do olhar do outro (VIEIRA, 2005).

Embora o gênero não seja inato, sua influência começa a agir muito cedo na vida do ser humano. É anterior às primeiras aquisições da linguagem. Anterior até mesmo ao nascimento, já que planos, expectativas e decisões já começam a acontecer dentro e fora da família de acordo com o sexo do feto. Se ainda não é a língua falada que – ao menos diretamente – insere o bebê no mundo do gênero, este conta com uma outros meios simbólicos para se afirmar. Desde a escolha de furar a orelha da recém nascida menina apenas para marcar-lhe o gênero, até a escolha de brinquedos que já direcionam ao cuidado doméstico e à feminilidade ou à expansividade e à lógica.

Como apresentado anteriormente, de transmissão em transmissão os papéis sociais tornam-se mais concretos e difíceis de questionar. Quando trata-se de um status tão antigo como o gênero, isso fica evidente. A rigidez aumenta por ser construída *sobre* e justificada

por uma materialidade: o sexo biológico, que serve a diversos discursos legitimadores. Remontar as origens e o desenvolvimento do gênero se torna ainda mais custoso se a fonte e justificativa das diferenças sociais entre os sexos parece se manifestar diante dos olhos – na anatomia dos corpos. Entretanto, mesmo buscando questionar a naturalização e reprodução do gênero, deve-se considerar que a frase 'biologia é destino' exprime ainda uma ideia muito verdadeira para a maioria das mulheres (NOGUEIRA, 2001).

Apesar das dificuldades, as mulheres podem subverter – e subvertem – o gênero. Quando isso acontece, pode-se inferir que condições materiais possibilitaram essa não conformidade (VIEIRA, 2005). Essas condições representam alternativas das quais a mulher pode e, podendo, escolhe se apropriar, formam focos de resistência e se propagam, produzindo possibilidades a serem apropriadas por mulheres. Porque existe um contexto sócio-histórico que permite certas evasões, não significa que estas sejam socialmente aceitas. A mulher subversiva sofre sanções que visam conservar o status quo. Contudo, esse status tem sido questionado e transformado. Beauvoir (2016), em 1949, anuncia:

“Não nos deixaremos (...) intimidar pelo número e pela violência dos ataques dirigidos contra a mulher, nem nos impressionar com os elogios interesseiros que se fazem à 'verdadeira mulher'; nem nos contaminar pelo entusiasmo que seu destino suscita entre os homens que por nada no mundo desejariam compartilhá-lo” (BEAUVOIR, 2016, p.23).

3. Metodologia

Foi realizada uma pesquisa de abordagem qualitativa. Para trabalhar com esse modelo, o pesquisador adota uma perspectiva que reconhece a subjetividade, o simbólico e a intersubjetividade nas relações (MINAYO, 2017). Nesse sentido, a interação entre pesquisador e sujeito nunca é neutra ou imparcial, e sim extremamente implicada. O que surge nessa relação reflete diretamente no que é e em como é compartilhado e afeta os resultados da pesquisa. Elegeu-se como método a História Oral. O relato que um indivíduo compartilha é guiado por relações inteligíveis, busca dar sentido a uma experiência ou história de vida (BORDIEU, 1998). o engajar-se no relato, o sujeito participa de um processo de produção de si. A memória é uma construção que acontece no presente sobre o conteúdo do passado. Apesar de seletiva e tendenciosa, pode ser entendida – através do relato – como uma fonte de informação confiável, pois é um retrato da compreensão e apropriação de um indivíduo sobre seu próprio mundo (MATOS e SENNA, 2011).

O artigo trata de um estudo de caso de três gerações de mulheres de uma mesma família. O conhecimento que se busca através da “evocação da memória para a transmissão do vivido por meio das narrativas” (SILVA e BARROS, 2010) tem origem em um indivíduo,

mas é capaz de fornecer dados para a compreensão de questões mais amplas. Uma história individual acontece dentro de uma família, de grupos sociais específicos, de um determinado tempo e espaço, influenciando e sendo influenciada por todos esses contextos. O método escolhido fornece os instrumentos para “conhecer os sonhos, anseios, crenças e lembranças do passado de pessoas anônimas” (MATOS e SENNA, 2011), reconhecendo a importância da dimensão subjetiva para a compreensão de fenômenos sociais. Aquele que participa da pesquisa o faz ativamente, como autor de sua própria história. Adota-se, portanto, o termo colaborador (SILVA e BARROS, 2010).

O desenvolvimento dos estudos da história oral esteve fortemente ligada à problemática da identidade. Sobretudo, de grupos silenciados e pouco representados na história tradicional e nos documentos escritos (MEIHY, 1996). Além de oferecer um conhecimento mais “rico, dinâmico e colorido” (MATOS e SENNA, 2011, p. 97) dos fatos, “a memória oral é condição promotora de enraizamento” (FROCHTENGARTEN, 2005, p. 374). Ao passo que o desenraizamento traz em si um impedimento político, a relação entre narrador e ouvinte proporciona um ingresso na política, a abertura às contribuições do passado no momento presente e a elaboração de vivências (FROCHTENGARTEN, 2005). Na história formal, o androcentrismo exclui frequentemente a mulher de seus escritos e torna a própria história incompleta ao desconsiderá-la. A espoliação do passado da mulher, apagando conquistas e resistências femininas, gera uma falta de orgulho sobre si mesma (GOMES, 2010), promove uma espécie de desenraizamento. Mulheres formam cerca de metade da população mundial e estão dispersas nas diferentes culturas, etnias e classes sociais, o que pode dificultar a identificação dos aspectos que as unem.

O projeto foi submetido à Plataforma Brasil para avaliação dos aspectos éticos implicados. Participaram da pesquisa 3 mulheres, pertencentes a 3 gerações de uma família. Foram escolhidas por conveniência. Houve o esclarecimento sobre a pesquisa sendo realizada, as condições de participação e o sigilo. Foi apresentado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, garantindo o direito à interrupção da participação ao longo da pesquisa.

Foram realizados dois encontros com as três colaboradoras na residência da mulher mais velha (1ª geração). As entrevistas foram realizadas individualmente. No primeiro momento, foi dada a abertura para um relato livre de suas trajetórias de vida. No segundo momento, foi realizada uma entrevista temática, relacionada diretamente com o tema da pesquisa, com um roteiro relativo à posição de mulher e buscando compreender a construção social do gênero. As falas foram registradas através de gravador mediante autorização e o conteúdo foi transcrito integralmente. Foram selecionados os principais elementos que ajudam a compreender a forma de construção da identidade feminina para as diferentes

gerações. Os temas que se mostraram mais proeminentes foram analisados segundo revisão bibliográfica que os contempla.

4. Resultado e discussão

Será apresentado um breve resumo da história de vida contada por cada uma das colaboradoras, destacando aspectos importantes da narração de acordo com o que e como foi elaborado por elas:

4. 1. Avó (1ª geração)

Nascida no interior da Bahia há mais de 90 anos, morava com o pai, a mãe e seus irmãos. A partir dos cinco anos, enquanto o pai e os irmãos homens trabalhavam na lavoura, ela trabalhava com sua mãe e sua irmã dentro de casa varrendo, lavando louça e preparando comida para levar na lavoura. Aparece várias vezes em seu discurso a sensação de que tem pouco a contar. Logo no começo, diz “Não tem nada pra contar porque eu quase não vivi lá na roça, né?”. Conta que não possuía tempo livre, “não tinha folga” para brincar. Também não havia muitas conversas ou explicações dentro de sua casa. Lembra de sua mãe como uma pessoa muito rígida.

Onde moravam havia plantação e criação de animais. “No tempo que não tinha seca, tinha muita fartura”. Quando ficou mais velha, começou a frequentar a escola. No entanto, não terminou o primário pois sua mãe precisava de sua ajuda com os afazeres domésticos. Seu pai a ensinou a costurar e a bordar. Durante um período, fazia roupas para vender e ter seu próprio dinheiro. Seu pai incentivava o trabalho e o estudo. Faleceu quando ela tinha 14 anos, tendo deixado pagos curso de costura e mensalidade da escola. Com a ausência do pai, a mãe não deixou que ela prosseguisse os estudos. Esse impedimento aparece com pesar em sua trajetória de vida:

“Ele já deixou tudo certinho. Pagou mensalidade, pagou tudo, já tudo certinho. Quando foi em janeiro ele morreu. Perdi tudo. Eu que perdi tudo. Eu tava numa satisfação... Eu vou libertar! Pensei que eu ia ficar livre. Não adiantou nada. Foi pior.”, ela conta.

Descreve o período depois da morte do seu pai sempre como muito difícil. Os recursos ficaram mais escassos. Vivia bastante restrita ao espaço doméstico. Quando ficou mais velha, tinha permissão para sair apenas junto com seus irmãos. Apenas um deles a levava. Quando iam para festas, eles se separavam e aproveitavam para conhecer pessoas, socializar e namorar. Conta que teve 3 namorados, mas casou-se com um vizinho que já era conhecido da família e vieram morar em São Paulo. Tiveram um filho e uma filha. Quando questionada sobre como foi o processo de casar e ter filhos, responde: “Naquele tempo era tudo mais fácil,

né? (...) Pra mim não foi difícil, tudo mais fácil pra mim”. Seus irmãos também foram migrando para São Paulo com o passar dos anos.

Lembra-se de ter morado com o marido moraram em três bairros de São Paulo e depois em Santo André e Ribeirão Pires. Fala de sua estadia em cada lugar que viveu, principalmente associando aos recursos que tinha na época, caracterizando como mais “fácil” ou “difícil” cada etapa. Conta ter trabalhado como dona de casa a vida inteira, nunca ter trabalhado fora. No entanto, durante alguns períodos de sua vida também costurou e lavou roupas como um trabalho remunerado que realizava dentro de sua casa para clientes de fora. Com sua renda, fez questão de pagar os estudos de sua filha.

Na década de 60, durante seus afazeres domésticos, enquanto encerrava a cozinha, sofreu uma queda que a deixou 10 meses sem andar. Recuperou os movimentos, mas até hoje sente dores e limitação nas suas atividades diárias. Ela conta que costumava a cuidar de plantações e criações de animais junto a seu esposo. Não traz queixas sobre seu casamento. Diz que o marido gostava que ela saísse, “não era desses que ficava proibindo”. No entanto, sobre a experiência da viuvez, relata:

“Bom, pra falar a verdade, e fui saber o que é bom mesmo depois que fiquei viúva. Eu andava, eu conheço o interior de São Paulo todinho. Fazia ginástica, fazia natação, saía com minhas colega, viajava... Fui pro Rio duas vez, ia pro interior, ia pra todo canto. Foi quando eu peguei liberdade mesmo, de verdade, de verdade. Até que eu fiquei assim e não ando mais. Mas já andei, viu? (...) Eu morava sozinha, chegava a hora que queria, saía a hora que queria.”

Atualmente, com mais de 90 anos, aparecem como limitação as dores do acidente e restrições da idade: “A liberdade que eu tive foi depois que eu fiquei sozinha. O que me prendeu foi essa coluna minha. Pode perguntar à Bárbara, a Bárbara foi comigo pra Bahia”.

4.2. Mãe (2ª geração)

“Eu cresci em Santo André, vivi lá até mais ou menos os 26 anos, é... Trabalhei e estudei lá. E estudei graças aos esforços da minha mãe, porque alí onde eu morava poucas foram as meninas que conseguiram estudar. E a minha mãe lutou muito pra isso.”

Assim, ela começa a narrar sua história de vida. Ao longo da infância, conta que ficava muito restrita ao espaço de casa e havia o dever de aprender “prendas domésticas” e habilidades como o bordado e o crochê. Também frequentava a escola e se dedicava aos estudos. Com 15 anos começou a trabalhar para pagar seu colégio. Depois de concluir o ginásio, optou por terminar sua formação no Curso Normal para tornar-se professora.

“Os cursos que equivalem ao ensino médio hoje eram o curso normal, o curso científico e o curso clássico. O curso científico não era pra mulheres, o curso clássico não dava dinheiro. Era pra artista então era para aqueles que eram vagabundos. Então o que sobrava era o curso normal pras mulheres.”

Trabalhando e estudando, concluiu a escola e depois a faculdade de letras. Reflete que seu esforço nos estudos tinha a ver com a tentativa de fugir de um destino que ela via se concretizar para outras mulheres do seu convívio. “Será que se eu não aproveitasse essa oportunidade ia acontecer comigo o que tava acontecendo com todo mundo? Tinha que aprender a cozinhar, tinha que aprender a bordar e tinha que arranjar um marido”.

Namorou escondido por 5 anos seu atual marido, homem negro, por conta do preconceito racial dentro da família. Casou com 26 anos e três anos depois teve sua filha mais velha. Ela sente que a relação com sua família se amenizou com a gravidez, que “parece que apaga tudo”. Pediu demissão no trabalho como secretária, passando um período como dona de casa. Sobre essa época, ela lembra:

“Fiquei um ano e alguns meses parada em casa, não dava certo. Foi aí que eu resolvi ir pra área específica que eu havia estudado. Fui pra escola, fui dar aula. Eu acredito que pela experiência que eu já tinha de vida, de sair, ver outras pessoas... Ficar em casa... Gostava muito de cuidar da minha filha, mas ficar em casa, de domingo a domingo, e sempre com aquela rotina... Então, aquilo não me deixava bem.”

Passou a trabalhar meio período como professora. Começou por dois dias na semana, que se tornaram três e depois cinco. Sofreu aborto de uma gravidez próximo à filha completar quatro anos, devido à toxoplasmose. A terceira gravidez foi considerada tardia e inesperada. Depois que seu filho nasceu, decidiu fazer uma segunda formação, em pedagogia, e começou a trabalhar como diretora. Fez o mestrado conciliando com esse trabalho. Depois de sua aposentadoria, continuou trabalhando e concluiu seu doutorado.

Sobre os tempos atuais, ela conta que há um ano parou de trabalhar. Não consegue ter uma rotina muito estável, pois sua mãe precisa de companhia e cuidados ao longo da semana. Relata que estar mais restrita ao ambiente e afazeres domésticos traz, nesse momento, certo desconforto, assim como ocorreu depois do nascimento da sua filha. Relata que ver e participar da movimentação de sala de aula lhe traz otimismo e lhe renova.

“Não desvalorizo não, mas eu acho que eu não mereço isso, eu acho que eu teria que fazer outras coisas... Eu sinto que eu tenho muita coisa a contribuir e dentro de casa eu não faço isso. Eu faço alí no meio pra duas, três pessoas e eu acredito que eu poderia fazer muito mais”.

4.3. Neta (3ª geração)

Nascida em São Paulo em 1979, sempre ouviu dizer que era baiana por sua mãe e sua avó terem nascido na Bahia e se “acostumou com essa identidade”. Lembra-se de passar as férias com seus avós durante a infância. Com os avós maternos, teve mais contato com as plantas, e com os paternos, com os bichos. Por esse gosto pela natureza e por outras características como sua classe social e raça se considerava diferente das crianças da escola. Conta que a escola e a rua em que morava eram meios hostis onde não se sentia aceita pelas outras crianças, que demarcavam suas diferenças constantemente. Lembra de professores rindo das piadas que lhe constrangiam. Em menor grau, também se sentia diferente de sua família em casa. Relata que esse sentimento em tantos espaços moldou alguns traços de sua personalidade, levando à insegurança, um maior recolhimento e, por vezes, ao isolamento. Relata que aprendeu a se criticar e a não gostar das coisas que produzia, como desenhos e textos, os quais acabava guardando para si. Avalia que tinha uma relação de cumplicidade com o irmão, de quem ajudava a cuidar.

“Na adolescência, eu fui uma adolescente rebelde... Eu tinha umas raivas, assim, dentro de mim. É, eu era rebelde mesmo, aquela rebelde sem causa... Não. Eu tinha causa. Só não sabia quais causas eram”.

Na adolescência, relata que se sentia uma pessoa brava e se “revoltava por qualquer coisa”. Sentia-se cobrada sobre a escolha de uma profissão, pois não sabia o que queria fazer e até hoje afirma não saber. Fez curso técnico em nutrição. Aos 19 anos começou a cursar arquitetura, mas relata que gostaria de ter feito algum curso relacionado a arte, como fotografia ou artes plásticas. Essa não era uma decisão apoiada por sua família e ela acredita que não se posicionou firmemente sobre essa vontade.

Relata que desejava ter um namorado, mas isso demorou para acontecer. Aos 22 anos, começou a se interessar por uma mulher. Esse interesse gerou uma compreensão sobre sua sexualidade.

“Eu, quando eu tinha 22, eu entendi que eu era bissexual. Mas eu nunca tinha ouvido. Eu acho que quando eu era criança não falava bissexual. Não falava nem hetero, eu acho que a gente nem falava nada disso, mas eu sabia que existia homem que gostava de homem, mulher que gostava de mulher e quem gostava do sexo oposto”.

Também aos 22 anos, começou a namorar o homem que se tornou seu primeiro marido. Casou “como manda o figurino, tudo bonitinho”. Tinha o sonho de se casar de branco, mas diz que hoje entende o amor de maneira muito diferente. Antes de casar, fazia aulas de dança do ventre e pensava em se tornar professora da dança.

“Dava pra eu fazer o curso pra dar aula, pra me profissionalizar e tal, mas aí eu não consegui conciliar com trabalho, com a vida em casa... Porque eu já estava casada, já tinha que dar conta das minhas obrigações como esposa.”

Na época, trabalhava na área de arquitetura e saía do trabalho tarde. O uso do computador causou uma tendinite em seus dois braços, que a fez ser afastada do trabalho. Nos planos discutidos pelo casal em relação a suas carreiras e gastos, ela conta que se preteriu em relação a ele e investiu um dinheiro que guardava em um curso que o ex-marido não concluiu, deixando de investir em sua própria formação. Relata ter sido uma época difícil em que ficou deprimida e começou a fazer terapia. Foi quando decidiu se separar. Afirma que era um relacionamento abusivo.

“Foi uma época que eu comecei a questionar muita coisa de mim, então eu me separei até da (eu) antiga. (...) Eu mudei tudo, fui vender cerveja no rolê, fui virar bartender”

Relata que costumava a frequentar o lugar onde foi trabalhar por ser um ambiente artístico que a “aceitava do jeito que era”. Lá também trabalhou com performances de dança, retomando a atividade que havia parado em seu casamento. Começou a namorar uma mulher, com quem morou junto por alguns anos. Relata que, apesar de não haver ciúmes como nos seus relacionamentos heterossexuais, sentia tentativas de controle sobre seus gostos, pensamentos e planos. Com a namorada atual, afirma que preza por uma liberdade mais ampla e pelas diferenças entre as duas.

Atualmente, trabalha com teatro, brechó e artesanato. Afirma que se interessa por uma variedade de atividades. Relata que decidiu que ter filhos não é compatível com seus planos de vida. Conta que aos 30 anos se sentia mais velha do que uma década depois e que está mais feliz agora, aos 40 anos, do que “um dia imaginou que estaria”.

4.4. Discussão dos resultados apresentados

A oposição entre casa e rua associa-se à dualidade entre masculino e feminino, que delega ao homem o mundo da produção e à mulher a responsabilidade sobre o mundo reprodutivo. Esse padrão frequentemente observado dentro das famílias não é fruto de uma disposição natural que difere entre os sexos, mas de uma construção que põe e repõe frequentemente tal divisão. A infância das três gerações, cada uma a sua maneira, foi marcada pelo espaço e papéis domésticos, quer através de brincadeiras ou do dever de aprender e cumprir funções consideradas femininas.

A mãe lembrou de “brincar de casinha, de fazer comidinha e de mamãe e filhinho”. As brincadeiras funcionam como uma forma de mediação para o aprendizado das condutas sociais e através das estereotipias de gênero que contém oferecem a meninas um modelo do

que é esperado no meio em que se inserem (BICALHO, 2013). Por vezes, o contato da menina com esses papéis passa pela brincadeira e pelo lúdico, mas o aprendizado pode também se dar de uma maneira menos infantil, demarcada pela necessidade distinta entre classes e gerações. Na vivência da avó, todos trabalhavam já na infância: os seus irmãos homens na roça acompanhando o pai, ela e a irmã em casa acompanhando a mãe. Ela contou que “não tinha brinquedo”, “não tinha distração” e “não tinha tempo”. As obrigações que possuía cozinhando e limpando a casa aparecem como interpretação nas brincadeiras da 2ª geração, principalmente, por ser do que *podia* brincar. A brincadeira, no entanto, permite seguir ou transgredir expectativas e normas postas (BICALHO, 2013).

A mãe recordou de tentar imitar uma brincadeira de seu irmão, rolando enrolada em um saco de estopa. Se machucou e logo foi lembrada de que aquilo não era para meninas. Não tentou repetir o tipo de brincadeira que aprendeu como sendo inadequado. Enquanto o seu irmão brincava na rua, diante das restrições que possuía, ela se apegou ao hábito da leitura, que ampliava suas possibilidades. A educação dos meninos tende a incentivar expansividade, experiência e independência: são incentivados a pôr-se para si próprios, a partir dos seus desejos e curiosidades, em direção ao mundo (BEAUVOIR, 2016). Já a vaidade, a delicadeza, a submissão e a contenção não partem dos desejos da menina, mas precisam ser constantemente incentivadas e mantidas. A 3ª geração se recordou principalmente das restrições que começou a receber depois de certa idade:

“Tenho que ser mais delicada, tenho que rir mais baixo, sentar direito, sentar com a perna fechada, não ficar tão suja, não ficar rolando no chão feito um moleque, manter o cabelo alinhado porque eu sou menina, não pode parecer um moleque. Era bem forte essa coisa de ficar contida. Uma menina não senta assim. Uma menina tem que ser moça, delicada, fala baixo, ri baixo.”

E relatou o desejo de transgredir essa ordem:

“Eu gostava muito mais das coisas de menino que das coisas de menina. Eu gostava muito mais de caminhão que de boneca. Eu brincava bastante de boneca sim, mas acho que eu gostava da liberdade que os meninos podiam ter. Então, eu acho que eu associava um pouco do menino com uma prisão”.

Essa prisão se materializa na própria casa. Além não poderem fazer determinadas brincadeiras, era-lhes negado o acesso ao espaço público da mesma forma que era permitido aos irmãos homens. Mesmo que compreendessem dar mais liberdade do que tiveram às suas filhas, estas ainda relataram que percebiam diferenças de tratamento em relação aos irmãos homens, demarcando-as como pertencentes ao espaço da casa. Camerina não saia muito e só podia ir acompanhada irmãos, que “saíam demais”. A mãe trouxe memórias de

“ter que ficar dentro de casa porque eu tinha que aprender a fazer os serviços domésticos desde pequena. É isso que lembro, porque a condição de ser mulher, mulher é assim. Então não pode ir pra rua, tem que ficar em casa. Eu sinto que era assim: além de aprender a fazer o serviço de casa, a casa era um lugar de proteção, mas eu entendo assim, uma proteção moral”.

A proteção moral e as restrições aumentavam quando o papel de menina dava espaço ao papel de mulher: todas elas citam como marca dessa transição a primeira menarca. A avó lembrou de ter ouvido: “E agora cuidado com os menino, cuidado com os menino”. À 2ª geração foi recomendado: “Agora tem que tomar cuidado, não pode andar com ‘muleque’, agora que não pode mesmo mostrar a calcinha”. A chegada da primeira menstruação representava privação e responsabilidades.

“A menstruação causou um monte de incômodo, um monte de ‘não pode’. Não veio coisa boa, só veio ‘não pode’. Então eu não vi com bons olhos o virar mulher” (Neta - 3ª geração).

“Brinquei de casinha até os 10 anos. Aí depois também não. Porque quando veio a primeira menstruação, aí acabou tudo, né? Veio a primeira menstruação, acabou. Você não é mais criança. Então agora você tem que aprender a fazer as coisas” (Mãe - 2ª geração).

A mulher pertencente à segunda geração compartilhou que nessa fase tinha que aprender a cozinhar, a bordar e a “arranjar um marido”. Via nos estudos e no trabalho uma forma de fugir do que via como um destino no universo feminino. Observava suas colegas casarem e se tornarem donas de casa. A avó conta ter trabalhado como dona de casa toda a sua vida, apesar de ter feito serviços remunerados em alguns períodos. Na adolescência, considerava os estudos como uma possibilidade de libertação, que não se concretizou. As duas gerações que vieram depois dela puderam estudar e trabalhar, se deparando com um outras realidades.

O trabalho remunerado é fundamental para a participação da mulher na vida pública e para a conquista de autonomia (GONZALEZ, 2014). Somado ao trabalho doméstico não remunerado, caracteriza a rotina de dupla jornada vivida por muitas mulheres. O aumento do trabalho pesa principalmente para as casadas ou com filhos (RAGO, 2003). Em pesquisa de 2001, 91% das brasileiras entrevistadas que eram ativas no mercado de trabalho declarou ser responsável pelo trabalho reprodutivo, contra 3% dos homens (GONZALEZ, 2014). O avanço das mulheres sobre o domínio público não altera necessariamente o papel que elas assumem no contexto privado e familiar.

“Antes da gente casar a gente foi morar junto. E eu assumi pra mim, sem que ninguém precisasse falar, eu assumi que eu tinha que trabalhar fora e cuidar da casa. E aí eu pedia a ajuda dele. Não era ‘Vamos dividir o trabalho’, é ‘Por favor, me ajuda’” (Neta - 3ª geração).

O trabalho doméstico foi assumido como responsabilidade delas nas 3 gerações. A integrante da 1ª geração, quando falou sobre o assunto, lembrou logo do acidente que lhe causa dores e limitações até hoje. Relatou realizar serviços domésticos desde criança até sua velhice, quando começou a precisar de auxílio. Suas sucessoras contaram que no começo do relacionamento recebiam uma “ajuda” que foi se tornando menos frequente com o tempo. A função de dona de casa não é reconhecida como um trabalho, mas como uma obrigação feminina. As conquistas de direitos que protegem os trabalhadores não se estende a esse âmbito, gerando sobrecarga e desamparo (CAIXETA e BARATO, 2004). As entrevistadas ocuparam esse papel sem combinados com seus parceiros, pois foi aprendido ao longo da vida. As crianças recebem valores e normas como modelos de comportamento e passam a reproduzi-los. Assim, o corpo é construído pela cultura assimilando os padrões de gênero (BICALHO, 2013), Sobre as suas primeiras memórias, a neta recorda:

“Tem uma memória que eu lembro e que me incomoda um pouco. (...) Depois do almoço eu tinha que levar o café pro pai. E eu lembro que eu não achava ruim levar o café pro pai. O que eu não gostava era que eu que tinha que fazer isso porque eu era menina. E os meninos ficavam brincando enquanto a menina levantava, pegava o café e servia. O que eu não gostava era essa diferença de “por que que tem que ser eu?”. Eu gostava de servir e ao mesmo tempo eu não queria servir”.

A construção do gênero é influenciada pelo período histórico e pela cultura na qual o indivíduo se insere, por aquilo que o meio cultural considera apropriado para os gêneros masculino e feminino (BICALHO, 2013). A socialização oferece modelos distintos a serem seguidos por cada sexo, e atravessa gerações atualizando as formas de domínio do patriarcado sobre os corpos de mulheres (PAULINO-PEREIRA et. al., 2017). As formas de viver construídas por cada mulher vão gerando confrontos em relação às normas anteriores, desconstruindo e construindo papéis possíveis para esse grupo. A família é uma instituição central para a manutenção da estruturas vigentes e apresenta os modos de viver e fazer existentes naquela cultura. Na produção de subjetividades que acontece no interior do espaço familiar, as mães tomam um lugar central: são elas que assumem a maior responsabilidade pela educação dos filhos; identificam-se com o papel de gênero com o qual foram socializadas e são grandes agentes da reprodução da desigualdade e divisão social entre os sexos nas novas gerações (CAIXETA e BARATO, 2004).

“Era a mãe, né? A mãe que tinha que ensinar. A menina tinha que ficar em casa porque a mãe ia ensinar tudo” (Mãe - 2ª geração).

Da mesma forma, podem agir como agentes transformadores. Quando questionada sobre o que aprendeu e passou/deixou de passar aos seus filhos, a avó respondeu:

“Meus filho... Foi tudo diferente. Eu não criei meus filho como eu fui criada. Meus filho desde pequeno, quando começou a escola já soltou. Eles fazia o que queria, ia pra onde queria. (...) Ninguém ligava. Nem eu nem o pai. “Deixa eles. Tem que arrumar amizade mesmo”, é assim que a gente falava. Porque a gente foi preso, então por que a gente ia fazer igual?”

Contou que sua mãe agia de forma muito rígida, contendo-a ao espaço doméstico. Camerina trouxe o desejo de promover diferentes experiências para seus filhos. A integrante próxima geração (2ª) conseguiu estudar devido a esse esforço e continuou se dedicando aos estudos, tendo concluído doutorado. Ela via nos estudos uma maneira de escapar das atividades consideradas femininas que tinha que realizar em casa: cozinhar e limpar, aprender bordado e crochê. Percebe o esforço e sucesso de sua mãe em oferecer mais ou melhores oportunidades em relação às que teve, e também o esforço de repassar o que aprendeu como correto e de prepará a filha para um casamento. Essas repetições, relatou que tanto recebeu como passou adiante:

“Automaticamente aquela educação que você recebeu você pega e vai passando. E você sabendo que não deve ser assim, você faz. A Bárbara não gosta que eu use a palavra culpa, mas eu uso muito a palavra culpa. Porque depois eu me sinto culpada. Mas eu lutei tanto pra não fazerem isso comigo e agora eu estou fazendo isso. Então a gente acaba sendo influenciado, aprende isso e vai transmitindo isso, vai repassando isso.” (Mãe - 2ª geração)

Percebe os padrões que passou adiante, mas relata que hoje em dia não critica sua filha por escolher fazer diferente. Sente que sua mãe ainda faz muitas críticas à neta e questiona a sua forma de educar. Em uma geração anterior, pode haver um maior desejo de conservação dos costumes em relação à que a sucede. Uma das escolhas divergentes na 3ª geração foi a de não ter filhos, uma ruptura com a principal fonte de identificação oferecida às mulheres - a maternidade (CAIXETA, 2004). Isso não faz com que ela não tenha um papel na transmissão de novas possibilidades de ser mulher. As atualizações de significados do gênero vividas por cada mulher podem ser transmitidas através das trocas estabelecidas em relações familiares e em outras relações. A avó conta que “naquele tempo tinha não esse negócio de pai chamar filho pra conversar. Nunca teve conversa com minha mãe nem com meu pai”.

Mesmo que não houvesse diálogo na casa em que cresceu, vai estabelecendo novas experiências de comunicação com a família ao longo da vida.

“A minha mãe vai lidar comigo como ela aprendeu com a mãe dela, que é como ela aprendeu com a bisã, que é como ela aprendeu com a mãe da bisã. Então não tem como esperar que ela faça uma coisa que ela não sabe fazer. (...) Eu queria ser acolhida, mas eu fui começando a acolher a minha mãe e minha avó. E aí a gente foi começando a se comunicar melhor. (...) De trocar ideia, de falar de coisa íntima” (Neta - 3ª geração).

Cada colaboradora traz em seu relato a ideia de liberdade limitada pela condição feminina. Descrevem obrigações, privações e normas de comportamento que as incomodaram ao longo da vida. Muitas vezes, quando se deparavam com essas realidades, descrevem momentos de resistência e tentativas de transgressão. Através da recusa ao que lhe é possibilitado ou negado, acontece a afirmação de sua singularidade. Seja nas brincadeiras, forma de se vestir, de trabalhar ou de construir uma família, há a expressão do desejo de poder escolher e viver à própria maneira. A mudança de consciência através do questionamento dos papéis quanto a seus significados históricos é capaz de transformar a identidade (LAURENTI e BARROS, 2000). Para a neta, vivenciar esse processo foi como se tivesse sido três pessoas distintas ao longo da vida.

“Eu aceitava várias imposições. Hoje eu vejo que eu era uma pessoa que eu realmente não era, eu era aquele personagem. (...) Eu tive contato com alguns textos feministas que me ajudaram a entender que várias questões que eu vivia, várias imposições eram por questão de gênero. (...) Também teve o lance do racismo que eu vivi que foi construindo muito minha autoestima e foi moldando uma pessoa bem pacata, que aceita tudo pra ser aceita. (...) Primeiro eu aceitava tudo. Depois eu parei de aceitar algumas mas eu ainda me cobrava muitas coisas do por ser mulher. Então a questão do corpo por exemplo eu continuei me cobrando muito. (...) Fui deixando de lado essa cobrança do corpo e do que eu podia e não podia fazer. É que foi gradativo, né? Eu falo três pessoas, mas essa pessoa do meio ela não teve um momento dela, ela foi o caminhar, né?”

Sua fala ilustra o caráter mutável da identidade através autoprodução humana enquanto um ser de possibilidades, que possui um vir-a-ser que não previamente limitado (CIAMPA, 1984). É possível notar nas três histórias narradas a construção de uma identidade feminina contando com elementos coercitivos externos que visam conservar aspectos do sistema de gênero. Enquanto certos aspectos aparecem como destinos difíceis de serem

evitados, a cada geração há uma atualização e ampliação das possibilidades de existência, como a possibilidade de trabalhar ou de explorar a sexualidade fora da heteronormatividade. Na trajetória de cada uma aparecem formas de construção da própria liberdade, quer seja através da dança, dos estudos ou de viagens pelo Brasil. A mãe reflete sobre essa dinâmica de manutenções e transformações:

“No trabalho sempre escolhi profissões destinadas a mulheres. Ou balconista ou secretária ou professora. E eu vejo hoje filhas de amigas que tem outras profissões, né? São engenheiras, tem outras profissões. Saem, viajam a trabalho. Eu tenho uma sobrinha que deixa as duas filhas com a mãe. Mas aí vem a coitada da mulher que cuida, né? Agora tem que cuidar das netas. Mas ela viaja, fica 15 dias fora viajando a trabalho. E não é criticada por isso. É um avanço, vejo que foi um avanço.”

Percebe-se que as histórias das colaboradoras, assim como de muitas outras mulheres e famílias, acompanha e é parte da mudança histórica dos padrões de gênero.

5. Considerações finais

Lançando o olhar sobre a condição feminina ao longo da história e na atualidade, é possível perceber que houve um grande avanço nas últimas décadas em relação a garantia de direitos e a possibilidade de ocupar lugares sociais antes restritos aos homens. No entanto, muito ainda se conserva através de um sistema de valores que mantém a representação da mulher ligada ao cuidado, à delicadeza e ao espaço doméstico, trazendo desafios como a dupla ou tripla jornada de trabalho. Buscando compreender essa dinâmica complexa de conservações e transformações, foram entrevistadas três gerações de mulheres de uma família sobre suas histórias de vida e como constituíram a própria condição feminina.

A pesquisa transgeracional evidencia uma evolução que acontece simultaneamente a uma manutenção de valores. Aparecem elementos comuns na experiência das três colaboradoras: a assunção de tarefas relacionadas ao espaço doméstico desde a infância, o fato de “se sentir presa a esse ambiente”, a percepção que os irmãos homens exerciam maior liberdade, a primeira menarca vivida como um evento que trouxe limitações e desconforto, e a responsabilização pelo trabalho doméstico no casamento heterossexual.

As histórias compartilhadas apresentam elementos em comum e também muitas diferenças. Além de serem pessoas singulares com histórias únicas, cada uma delas cresceu em época distinta. Algumas dessas diferenças são marcadas pelo tempo: a possibilidade de autonomia através da remuneração acompanha o aumento da inserção da mulher no mercado de trabalho; a possibilidade de escolher um parceiro livremente enfrentando os padrões preestabelecidos de raça ou gênero acompanha um movimento de libertação da sexualidade

feminina. Os resultados mostram os padrões de gênero sendo questionados e desafiados em muitos momentos da vida de mulheres que buscam construir suas próprias formas de viver. Há uma ampliação de possibilidades de escolha e um aumento da presença de reflexão sobre essas possibilidades ao longo das gerações.

Foi observado, ao longo da investigação bibliográfica, uma escassez de pesquisas transgeracionais sob uma perspectiva social. Considerando a importância do processo de transmissão para a manutenção ou transformação de estruturas sociais, esse é um tema de interesse para entender a questão de gênero. Estimula-se uma maneira de problematização que considere os movimentos de resistência e transformação nas trajetórias individuais. É interessante para melhor entender o processo de produção da identidade feminina considerar a vivência de mulheres sobre como experimentam essa condição, podendo ser feitas pesquisas com recortes específicos, como raciais, sociais, políticos. As condições concretas como as conquistas de direitos das mulheres ao longo dos anos trazem novas maneiras de viver a identidade feminina. Da mesma maneira, os desejos e movimentos individuais geram movimentos de transformação dessa condição.

6. Referências

- BANDEIRA, Lourdes Maria. Violência de gênero: a construção de um campo teórico e de investigação. *Soc. estado*. 2014, vol.29, n.2 [cited 2017-12-13], pp.449-469.
- BARROS, D. D. e SILVA, V. P. Método história oral de vida: contribuições para a pesquisa qualitativa em terapia ocupacional. *Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo*, 2010 Jan- Abr.v. 21, n. 1, p. 68-73.
- BEAUVOIR, Simone de. O Segundo Sexo: Fatos e Mitos. (Vol. 1) 3ª Ed. Tradução de Sérgio Millet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.
- BEAUVOIR, Simone de. O Segundo Sexo: A experiência vivida (Vol. 2) 3ª Ed. Tradução de Sérgio Millet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.
- BERGER, P. L. e LUCKMANN, T, Construção Social da Realidade, Petrópolis, Vozes, 1973.
- BICALHO, Chaiton W. C. Brincadeiras infantis e suas implicações na construção de identidades de gênero. *Revista Médica de Minas Gerais*, 23(2), 41-49, 2013.
- BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina. Usos e abusos da história oral. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1998.
- CAIXETA, Juliana E. e BARBATO, Silvine. Identidade feminina: um conceito complexo. *Paidéia (Ribeirão Preto)* [online]. 2004, vol.14, n.28, pp.211-220.
- CIAMPA, Antonio da Costa. Identidade. In: W. Codo & S. T. M Lane (Orgs.). *Psicologia social: o homem em movimento* (pp. 58-75), São Paulo: Brasiliense, 1984.
- FROCHTENGARTEN, Fernando. A memória oral no mundo contemporâneo. *Estud. av.*, São Paulo, v. 19, n. 55, p. 367-376, Dec. 2005.

GOMES, Gisele Ambrósio. História, Mulher, Gênero. Virtú, 2010. Disponível em <http://www.ufjf.br/virtu/files/2011>. Acesso em 10/09/2013. GOMES, Gisele Ambrósio. História, Mulher, Gênero. Virtú, 2010. Disponível em <http://www.ufjf.br/virtu/files/2011>. Acesso em 10/09/2013.

GONZALEZ, Débora de Fina. Entre público, privado e político: avanços das mulheres e machismo velado no Brasil. *Cad. Pesqui.* [online]. 2014, vol.44, n.151

LAURENTI, C.; BARROS, M.N.F. Identidade: questões conceituais e contextuais. *Rev. Psicol. Soc. Instituc.*, v.2, n.1, p.24, 2000.

MAGALHAES, Ivanna Souto de. Entre a casa e o trabalho: a transmissão geracional do feminino. *Psicol. clín.*, Rio de Janeiro , v. 22, n. 2, 2010.

MATOS, J. S.; SENNA, A. K.. História oral como fonte: problemas e métodos. In.: *Revista Historiae*, Instituto de Ciências Humanas e da Informação, FURG, 2011, p. 95-108

MEIHY, José Carlos Sabe bom. Manual de história oral, Edições Loyola, 1996.

MINAYO, M. C. S. Cientificidade, generalização e divulgação de estudos qualitativos. *Ciência e Saúde Coletiva*. 2017.

NOGUEIRA, Conceição. Feminismo e discurso do gênero na psicologia social. *Psicologia e Sociedade*, 107-128, 2001.

PAULINO-PEREIRA, Fernando César; SANTOS, Lara Gabriella Alves dos; MENDES, Sarah Cristina Carvalho. Gênero e identidade: possibilidades e contribuições para uma cultura de não violência e equidade. *Psicol. Soc.*, Belo Horizonte , v. 29, e172013, 2017.

RAGO, Margareth. Os feminismos no Brasil: dos anos de chumbo à era global. *Labrys, estudos feministas*, nº 3, janeiro/julho de 2003.

SIQUEIRA, M. J. T. A. A constituição da identidade masculina: alguns pontos para discussão. *Psicologia*, 8, 1, 113-130, 1997.

VIANNA, C. S. M. Da imagem da mulher imposta pela mídia como uma violação dos direitos humanos. *Revista da Faculdade de Direito da UFPR*. Capa, v. 43, nº0, 2005.

VIEIRA, Josênia Antunes. A identidade da mulher na modernidade. *DELTA*, São Paulo, v. 21, n. spe, p. 207-238, 2005.

Contatos: refbacelar@gmail.com e adriana.domingues@mackenzie.br.